



FESTA DA BICHARADA: AS NARRATIVAS POÉTICAS DO CORDEL NO UNIVERSO DA SALA DE AULA

ANIMAL FESTIVAL: THE POETIC NARRATIVES OF CORDEL FOLK IN THE CLASSROOM UNIVERSE

Maria Gilliane de Oliveira Cavalcante

<https://orcid.org/0009-0008-6128-0102>

Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino

Naelza de Araújo Wanderley

<https://orcid.org/0000-0002-3622-7317>

Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino

Resumo: O cordel é uma manifestação legítima da poesia popular, um meio de conservação cultural e uma expressiva produção literária que contribui para formação de leitores críticos. Sua organização rítmica, com métricas, rimas e repetições, cativa os ouvintes, auxilia na memorização e na construção de significados, e funciona como um recurso pedagógico que favorece o desenvolvimento de múltiplas competências leitoras e cognitivas. Uma vez que as narrativas poéticas são ricas na oralidade, em variação linguística e em aspectos literários, como o humor, a intertextualidade, a crítica social, etc., esse estilo literário tem potencial para ampliar o repertório dos alunos acerca da cultura brasileira, especialmente a nordestina. Quanto a metodologia, esta pesquisa é de caráter bibliográfico, com abordagem qualitativa. e. Assim, o presente estudo tem por objetivo propor práticas de leitura literária na sala de aula a partir do folheto de cordel *Festa da Bicharada* (1950), do poeta Arlindo Pinto de Souza, com crianças do 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com destaque a presença dos animais como temática cordelística. Como aporte teórico recorremos as contribuições de Marinho e Pinheiro (2012), Abreu (2011), Alves (2020), entre outros, com o intuito de amparar o trabalho com narrativas poéticas no universo escolar.

Palavras-chave: Cordel para crianças. Temática dos bichos. Cordel em sala de aula.

Abstract: Cordel literature is a legitimate manifestation of popular poetry, a means of cultural preservation, and an expressive literary production that contributes to the formation of critical readers. Its rhythmic organization, with metrics, rhymes, and repetitions, captivates listeners, aids in memorization and the construction of meaning, and functions as a pedagogical resource that favors the development of multiple reading and cognitive skills. Since poetic narratives are rich in orality, linguistic variation, and literary aspects such as humor, intertextuality, social criticism, etc., this literary style has the potential to broaden students' understanding of Brazilian culture, especially that of the Northeast. Regarding methodology, this research is bibliographic in nature, with a qualitative approach. Thus, the present study aims to propose literary reading practices in the classroom based on the cordel pamphlet *Festa da Bicharada* (1950), by the poet Arlindo Pinto de Souza, with 5th-grade students in the early years of elementary school, highlighting the presence of animals as a cordel theme. As a theoretical basis, we draw on the contributions of Marinho and Pinheiro (2012), Abreu (2011), Alves (2020), among others, in order to support the work with poetic narratives in the school environment.

Keywords: Cordel for children. Animal theme. Cordel in the classroom.



Introdução

Animais e homens sempre estiveram ligados. A presença dos animais é marcante desde os primórdios da humanidade, seja nas pinturas rupestres das cavernas; nas representações religiosas; no auxílio ao trabalho agrícola; na caça; como meio de transporte e de alimentação; como guardião protetor da família e do patrimônio; ou como companheiro e amigo fiel, lá está o homem na companhia dos bichos.

No cenário do Nordeste brasileiro, essa realidade se torna ainda mais acentuada. A predominância das zonas rurais, o atraso nas construções ferroviárias e as duras condições de vida naturais e econômicas fazem dos animais seres indispensáveis a própria existência humana, pois em regiões marcadas pela irregularidade das chuvas e pelas limitações do solo, esses animais representam não apenas força de trabalho, mas também estratégias de adaptação e resistência ao semiárido.

O campo da literatura também abarca (como tema) a existência dos bichos e sua estreita relação com o homem. As histórias apresentam os animais de muitas formas: “como verdadeiros protagonistas, intérpretes e caricaturas de nossos pensamentos, de nossos sentimentos, de nossas reações; animais que falam e agem como homens ou, então, que os julgam ou criticam” (Bradesco-Goudemand, 1982, p. 5).

No Nordeste, uma das manifestações acerca dessa temática está na literatura popular, cuja propagação tem forte relação com a oralidade. O que não quer dizer que seja uma literatura “simples e espontânea” (Abreu, 2006, p. 64), pois além dessa produção dialogar com a memória coletiva, com tradições históricas e com contextos sociais específicos, reelaborando experiências vividas, também se constrói a partir de convenções formais bem definidas, como métricas, rimas, estruturas narrativas e fórmulas poéticas que exigem conhecimento, prática e intencionalidade por parte do autor. Conforme Alves (2017, p. 35),

no âmbito da denominada literatura de cordel há (denominação recente, uma vez que o povo e os poetas não usavam esta terminologia), toda uma riqueza de versos, de imagens, de revelações do modo de ser de um povo que vem sendo lentamente descoberta e devidamente valorizada. São experiências humanas e artísticas que, durante séculos, estão à margem da literatura erudita e são, além de desconhecidas por milhares de estudiosos e professores, totalmente ausentes dos grandes compêndios de história da literatura brasileira.

Deste modo, podemos compreender a forte presença dos animais nos versos poéticos das narrativas cordelísticas nordestinas. De acordo com Bradesco-Goudemand (1982), essa região possui características sociais e humanas ligadas ao pastoril. A subsistência, economia, esporte e lazer estão todos associados aos bichos, especialmente ao boi e o cavalo. Por isso, “nas narrativas tanto antigas como modernas, os heróis de quatro patas não são animais como os outros. São apresentados como autênticos, como se tivessem existido, com todas as referências possíveis, sua origem, seus proprietários, suas proezas, seu fim” (Bradesco-Goudemand, 1982, p. 20).

A presença dos animais na literatura de cordel não se reduz ao boi e ao cavalo. Gato, cachorro, pavão, entre outros, já foram personagens principais destas narrativas. Como afirma Diégues Júnior (2012, p.81):



Desde os tempos remotos sempre encontramos o homem prestigiando o animal, ou melhor certos animais, não raro mais que outros homens: aquele que se tornaram seus colaboradores na tarefa de ocupar a terra e desenvolver a criação. O caso do boi, do cavalo, do cachorro. Outros também mereceram ser prestigiados pelo homem que neles viu certos dons: a astúcia da raposa, a fidelidade doméstica do gato, a parlapatice do papagaio, são exemplos.

Assim, inúmeros folhetos contam sobre os animais e suas astúcias, como é o caso da *Festa da Bicharada* (1950), de Arlindo Pinto de Souza (1950); *A intriga do cachorro com o gato* (1979), de José Pacheco; *Cordel dos Passarinhos* (2006), de Sebastião Chicute; *Saci e o bicho folharal no reino da bicharada* (2011), de Franklin Machado; *Eleição no reino da bicharada* (2014), de Hadoock Ezequiel, entre outros. (Souza; Wanderley, 2023).

A temática dos animais mostra-se tão recorrente no gênero cordelístico que, mesmo diante das transformações nos suportes editoriais, como a transição das narrativas poéticas para o formato livro, sua presença permanece assegurada, evidenciando a centralidade desses elementos na tradição e na continuidade estética do cordel. Ainda de acordo com Souza e Wanderley (2024, p. 290):

Seguindo essa tradição temática da literatura de cordel, encontraremos, como parte do processo adaptação desse gênero ao contexto atual, a publicação das histórias de bichos em novos suportes, como o livro capa dura e o livro brochura, que, entre outras propostas, reescrevem, em versos, textos da chamada literatura erudita; recontam contos sacralizados pela tradição do povo ou recolocam em cena, através de antologias, estrofes conhecidas de muitos poetas que também versaram sobre os animais, em obras como *O coelho e o jabuti*; *O bicho folharal*, ambas de Arievaldo Viana, e a antologia *Pássaros e bichos na voz de poetas populares*, organizada por Hélder Pinheiro e pelo xilogravurista Marcelo Soares.

Assim, a presença de animais na literatura de cordel, como apontam Souza e Wanderley (2024), vai além de uma mera escolha de tema, revelando um vínculo significativo entre o simbolismo da cultura nordestina e a vivência cotidiana de seus habitantes. Nesse contexto, os animais fazem parte das práticas diárias, seja no trabalho, na alimentação ou nas relações familiares, e, ao mesmo tempo, desempenham um papel crucial na formação do imaginário coletivo, atuando como símbolos, protagonistas e narradores. Quando essas narrativas são adaptadas para novos formatos editoriais e reescritas em versos que conversam tanto com a literatura clássica quanto com os contos populares, reafirmam a relevância do cordel e sua habilidade de renovar assuntos tradicionais. Dessa forma, a presença dos animais não só mantém aspectos identitários da cultura nordestina, mas também auxilia na permanência de uma prática literária que se transforma sem abandonar suas origens populares.

Deste modo, compreende-se que a literatura de cordel é um gênero poético que combina as tradições orais e escritas, é assim, uma manifestação legítima da poesia popular, um meio de conservação cultural e uma expressiva produção literária que contribui para formação de leitores críticos. Sua organização rítmica, com métricas, rimas e repetições, cativa os ouvintes, auxilia na memorização e na construção de significados, e funciona como um recurso pedagógico que favorece o desenvolvimento de múltiplas competências leitoras e cognitivas. Vale ressaltar que, apesar de sua estrutura textual estar intimamente relacionada ao som, o que realça sua e torna a



transmissão oral mais eficiente, essa característica não limita suas diferentes formas de expressão nem diminui sua complexidade

Segundo Lopes-Rossi (2012) a literatura de cordel, para além de sua dimensão estética e de fruição, desempenha múltiplas funções socioculturais. O gênero não se restringe ao entretenimento; ele opera como veículo de informação sobre eventos contemporâneos, como espaço narrativo para contação de histórias, como instrumento didático ao transmitir ensinamentos e valores, e como meio de reflexão crítica, frequentemente marcada pelo humor, pela sátira ou pelo lamento. Ademais, o cordel pode ainda construir perfis de figuras socialmente relevantes, registrando modos de vida, memórias e identidades. Dessa forma, sua polissemia funcional evidencia a complexidade do gênero e reforça sua relevância como prática discursiva que articula cultura, história e educação.

Nesta perspectiva, sua linguagem cativante, repleta de rimas e narrativas intrigantes, a torna ainda mais especial. Ressaltamos, diante deste cenário, o quão indispensável é a presença desta literatura na escola, que assume uma função essencial ao oferecer aos alunos uma diversidade de formatos textuais, que se tornam não apenas meios de comunicação, mas também fontes de conhecimento. Dessa forma, a literatura de cordel é uma importante manifestação cultural, pois representa as vivências e modos de vida do povo nordestino, é a memória e história desse povo, então sua principal relevância é o sentido que ela pode representar para cada sujeito leitor. Assim, a aprendizagem é uma consequência do sentido e significado que o texto representa para o leitor.

Flach & Wolffenbüttel (2025) afirmam que a instituição escolar, enquanto responsável legal pelo ensino, configura-se como o espaço em que a leitura ocorre de modo público, exposto e frequentemente avaliado. Além disso, destacam que a escola se constitui como um espaço privilegiado para o ensino da literatura entendida como prática social. Essa abordagem possui potencial para suscitar, no leitor, questionamentos que o impulsionem a explorar, ao longo de sua trajetória formativa, diferentes perspectivas acerca do poder representativo da linguagem e de suas múltiplas influências. Nesse sentido, cabe à escola oportunizar e promover a circulação do cordel entre os alunos, reconhecendo seu valor formativo. Conforme assinala Alves (2018), o uso do cordel no contexto educacional configura-se como uma estratégia pedagógica relevante para o estímulo do pensamento crítico e expansão da compreensão sobre aspectos como sociedade, cultura, política e economia.

Cabe destacar, como aponta Munita (2024), a carência de formação docente no tocante a mediação de leitura de textos literários, os quais incluem perfeitamente o gênero do cordel. Neste sentido, o autor apresenta três tipos de saberes indispensáveis para o professor mediador: o conhecimento do que se publica; a capacidade de análise estética e literária; e atualização teórica sobre leitura e educação literária. Desta forma, os desafios que os educadores encontram ao lidar com a literatura de cordel vão além da escassez de recursos ou da limitação de tempo. A questão está ligada à formação dos professores: sem um repertório sólido, uma leitura apropriada e uma boa compreensão desse gênero literário, o docente não consegue explorar de maneira plena o valor literário, cultural e educativo que o cordel oferece.

A proposta de incluir os textos cordelísticos nas escolas demanda uma reflexão sobre as diferentes formas de leitura, conceitos literários e métodos de ensino presentes nas instituições educacionais. Para cultivar o hábito da leitura, é fundamental motivar os alunos a mergulharem não apenas no conteúdo dos textos, mas também nas diversas vozes e significados que estes transmitem. Dessa forma, a literatura de cordel se



apresenta como uma fonte abundante de riqueza. Sua narrativa, construída em métricas e rimas, proporciona ao leitor uma experiência sensorial única. Originária da cultura popular, carrega consigo um imenso conhecimento e herança cultural.

Segundo Marinho e Pinheiro (2012), qualquer proposta para trabalhar com a literatura de cordel exige um vínculo emocional com a cultura popular. Assim, uma abordagem metodológica que oriente o trabalho com o cordel deve facilitar o diálogo com a cultura de onde ele se origina, propiciando, ao mesmo tempo, uma vivência compartilhada entre educadores, alunos e outros envolvidos no processo.

Nesta perspectiva, o objetivo deste estudo é propor práticas de leitura literária na sala de aula a partir do folheto de cordel *Festa da Bicharada* (1950), do poeta Arlindo Pinto de Souza, com crianças do 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Quanto à metodológica este estudo parte inicialmente de seu caráter bibliográfico, com abordagem qualidade, segundo o qual recorreremos a pesquisas e autores que contribuam com conceitos fundantes para nossa compreensão. Em continuidade, apresenta características de uma pesquisa descritiva, pois se propõe a descrever, a princípio, o folheto escolhido para a sugestão didática, e em seguida, descreve as etapas pensadas para desenvolver a atividade de leitura de cordel com os alunos.

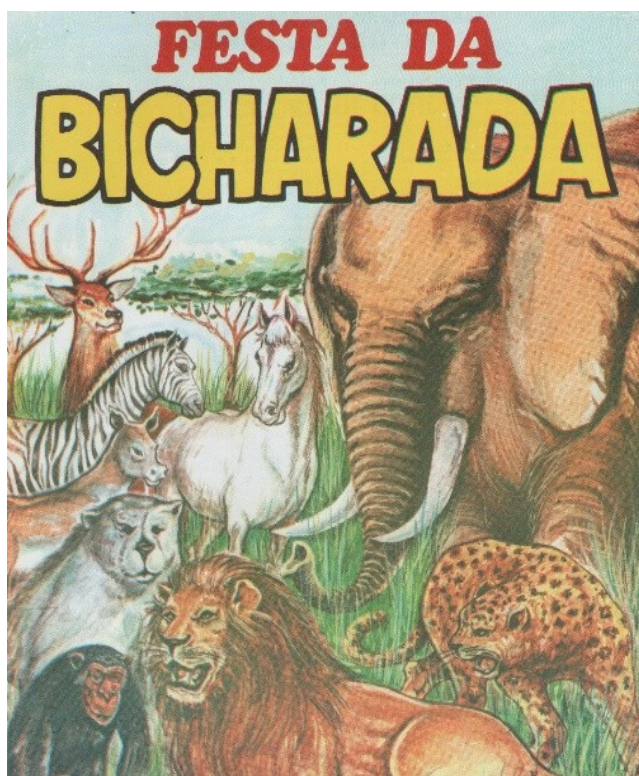
1. Abrindo as porteiras

A escolha da literatura a ser abordada em sala de aula é de suma importância. Num universo de folhetos que apresentam a temática dos animais, *Festa da Bicharada*, de autoria de Arlindo Pinto de Souza é um livreto composto por três narrativas encantadas: *Festa da Bicharada*; *No reino dos insetos*; e *Eleição dos bichos*. Lançado em 1950 pela Editora Luzeiro e escrito por Arlindo Pinto de Souza, possui um total de 32 páginas. O cordel em destaque é composto por 67 estrofes, iniciado por uma oitava e com as seguintes na estrutura de sextilhas.

O enredo descreve, de maneira lúdica e visual, a festa de matrimônio do Mestre Coelho, ocorrida no imaginário País da Bicharada. Neste contexto em que os animais se comportam como humanos e desempenham papéis sociais semelhantes aos nossos, a narrativa combina fantasia, humor e elementos culturais característicos da tradição oral.

Por ocasião da festividade, encontravam-se presentes todos os animais da região, à exceção do Porco e do Gato, em razão da reputação negativa que ambos possuíam nas redondezas. Em reação à exclusão sofrida, o Porco elabora um plano para invadir a celebração, provocando intensa confusão, a qual resulta em sua prisão. Enquanto a Porca vivencia o sofrimento decorrente da detenção e os demais envolvidos são exaltados pela captura do infrator, o prisioneiro passa a arquitetar sua fuga. Tal intento ocorre em um domingo, data destinada à realização de um batizado na residência do Gavião, episódio que culmina no cerco do local e no fuzilamento dos transgressores. A figura 1 apresenta a capa do folheto, como podemos observar:

Figura 1 – Capa do Folheto



Fonte: Acervo das autoras (2025)

De acordo com Linden (2011), o título e a capa do livro são paratextos que desempenham um papel importante na atração inicial dos leitores para a obra. Um título intrigante ou uma capa atraente e colorida podem despertar o interesse da criança e motivá-la a escolher aquele livro para ler. Deste modo, a capa de um folheto de cordel desempenha uma função essencial: ela atua como um convite ao leitor, apresentando visualmente o universo da narrativa, o clima da história e a proposta estética. Segundo Melo, Silva e Galvão (2020, p. 56), “as imagens do cordel, tal como seus temas e estilos, são situadas histórica e socialmente e estão, portanto, suscetíveis a mudanças”. Assim, as capas de cordel permitem compreender não apenas aspectos estéticos, mas também os contextos culturais e sociais que permeiam sua produção e recepção.

Conforme Abreu (2011), ao final do século XIX, o cordel emergiu como uma forma literária característica do Nordeste do Brasil, desenvolvendo características próprias ao transformar narrativas tradicionais voltadas para públicos populares, valorizando a oralidade e retratando a vida cotidiana do povo nordestino. Desta forma, esta narrativa poética apresenta contextos peculiares ligados ao cenário nordestino, ao aspecto social e religioso, tais como:



- Figuras de autoridade da região. Neste caso, o Leão (rei), o Burro (prefeito), o Bode (doutor), o Cachorro (advogado), e o Elefante (delegado). Como podemos observar nas estrofes do folheto (p.01):

No País da Bicharada,
Reinava com muita alegria
E o Leão, como bom rei,
Deu três dias de folia –
Três mil cruzeiros em ouro
E uma rica fantasia,
Ao bicho mais engraçado
Que aparecesse na orgia.

O Burro, como prefeito,
Para animar o carnaval,
Mandou vir todos os bichos
Que havia em Portugal –
Foi preciso dez navios,
Para trazer tanto animal!

-
- Uma das festas mais populares – o casamento – marcado por invasão de pessoas não convidadas à festa e a expulsão do intruso (Porco), por seu contínuo incômodo. Como mostra a estrofe a seguir (Souza, 1950, p.4):

Mestre Coelho casou-se,
Houve uma festa no mato.
Foi Cachorro e Jacaré,
Gente de mais aparato,
Finalmente todo o bicho –
Menos o Porco e mestre Gato.

-
- Más reputações e confusões nas festas associadas ao uso das bebidas alcoólicas. Vejamos (Souza, 1950, p.4):

O Porco era vagabundo,
Passava os dias a beber,
Por isso, dele ninguém
Amigo queria ser;
Das boas festas havia,
Nem procurado saber.

-
- A figura relevante do Compadre e da Comadre na sociedade nordestina e o vínculo familiar ligados a essa relação. Conforme apresenta estrofe (Souza, 1950, p. 11):

- Comadre, não desanime,
Pois venho aqui lhe dizer:
A senhora bem conhece
Como é o meu proceder –
Hei de soltar o compadre,
Nem que eu tenha que morrer!



- Prestígio social aos envolvidos na prisão do intruso e perturbador (Porco), como destaca a estrofe a seguir (Souza, 1950, p. 12) :
-

Macaco está muito prosa,
Pois formou-se em doutor,
O Gato foi nomeado,
Da cidade interventor,
Cachorro, de vira-lata,
Passou a investigador.

- A celebração religiosa dos batizados aos domingos. Observe a estrofe (Souza, 1950, p. 13):

Foi um dia de domingo.
De grande preparação,
Que havia batizado
Em casa de Gavião;
Carrapato, de batina,
Ia fazer um sermão.

- A fuga do prisioneiro com uso de serra. Conforme descreve a estrofe (Souza, 1950, p. 13):

Quando acabou de serrar,
Pulou em cima do Veado.
O carcereiro gritou:
- Fugiu o Porco embriagado!
Nisto, chegou o Elefante,
No papel de delegado.

- O cerco policial, seguido de fuzilamento dos bandidos. Vejamos a estrofe (Souza, 1950, p.14):

A tropa cercou a casa,
Com o Elefante delegado,
Para prender mestre Porco
E seu compadre Veado.
Com ordem do rei Leão,
Cada um foi fuzilado.

As características destacadas do cordel *Festa da Bicharada* ressaltam de maneira marcante o ambiente cultural do Nordeste, ao conectar aspectos do cotidiano, das interações sociais e das dinâmicas de poder que influenciam a vida local. A presença de líderes comunitários, junto ao prestígio dado àqueles que mantêm a ordem, evidencia o simbolismo da justiça e do controle social nas comunidades. As festividades populares como os casamentos, funcionam como momentos de celebração coletiva, mas também de disputas e conflitos, muitas vezes intensificados pelo consumo de álcool, revelando a dualidade desses eventos entre sociabilidade e desordem, religioso e profano.

Observa-se ainda que a importância das relações de compadrio evidencia os laços familiares ampliados, essenciais para a estrutura social nordestina, enquanto a repetição de práticas religiosas, como as celebrações de batizados aos domingos, reafirma a forte influência da religiosidade popular. Por último, as narrativas de prisão, fuga e cerco policial, apresentadas de maneira dramática, conectam-se à tradição oral e ao imaginário



sertanejo, formando um retrato literário que liga violência, justiça e sobrevivência, elementos historicamente vinculados à construção da identidade cultural do Nordeste.

Além de todos os aspectos levantados, *Festa da Bicharada* é uma narrativa rimada e divertida, que pode cativar as crianças, já que muitas delas apresentam um fascínio e uma curiosidade pelos animais, além de se encantarem com enredos que envolvem criaturas e com a sonoridade das rimas. O cordel *Festa da Bicharada* utiliza o recurso do antropomorfismo e elementos próprios da fábula ao atribuir aos animais comportamentos e papéis humanos, estratégia que, aliada ao humor, contribui para a aproximação do público infantil com a narrativa. Por meio desse gênero literário, torna-se possível explorar a dimensão lúdica da linguagem, evidenciada nos jogos sonoros, no ritmo e na musicalidade dos versos. Dessa forma, as crianças tendem a experimentar prazer estético e envolvimento com a leitura, entretendo-se com os jogos de palavras e com a expressividade poética que caracteriza o cordel.

2. Conciliando a confusão: a literatura de cordel e o público infantil

Segundo Alves (2020), tradicionalmente, os folhetos não eram segmentados entre textos para adultos e para crianças, algo que mudou com o surgimento da literatura voltada ao público infantil. As leituras de folhetos ocorriam em feiras, praças, lares e em horários convenientes, permitindo que as crianças tivessem acesso a uma variedade de histórias. Algumas dessas narrativas despertavam seu interesse, enquanto outras não. No contexto popular, circulavam pelo Nordeste muitas composições avulsas que abordavam temas relacionados à vida animal, locais, indivíduos e diversas situações. Ainda segundo Alves (2018, p.50):

Não há, historicamente, uma literatura de cordel para crianças (ou pelo menos não havia ainda). Os folhetos de cordel são narrativas que, nem sempre, em sua integralidade, encantam as crianças. Inúmeras vezes quando levamos poemas inteiros para sala de aula, a certa altura, percebemos a distração, o desinteresse. Ao mesmo tempo, observamos também que algumas estrofes detonam boas gargalhas ou expressões de riso contido. Esse dado é da maior importância, uma vez que a escolha contribui para uma boa apreciação e envolvimento com o texto.

Deste modo, os temas presentes desde os primeiros folhetos de cordel apresentavam características que despertam o interesse infantil. Contos de fadas, histórias de humor e narrativas de bichos são o carro chefe temático responsáveis por aproximar o cordel das crianças. Enquanto as “aventuras e narrativas extraordinárias cativam crianças e adolescentes em todas as épocas e se manifestam em diversos gêneros literários” (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 49), as histórias de animais se aproveitam da familiaridade com a vida corriqueira das pessoas, bebendo no folclore e nas fábulas, tais textos se diversificam e chamam atenção deste público. Conforme Wanderley (2022), o entrelaçamento da literatura infantil com a literatura popular desencadeia narrativas poéticas que visam a apreciação do público infantil, como as fábulas e os recontos. Corroborando, Bordini (1986, p.30) fala sobre a importância dos textos poéticos no universo infantil:



Em contato com o texto poético, a criança é tomada por vivências que a distanciam de seu ambiente familiar, linguístico e social. Todavia, a configuração eminentemente ordenadora dos estímulos poéticos (os ritmos, a criação de vínculos entre objetos isolados) garante que esse deslocamento se processa num clima de segurança, em que o incomum produz prazer e não temor. Assim, a experiência do poema propicia o alargamento dos conteúdos da consciência por uma prazerosa tomada de posse do desconhecido, suscitada pelo desafio das formas e das ideias.

Segundo Marinho e Pinheiro (2012), há uma relação entre a literatura popular e a atual literatura infantil brasileira, e muitos cordéis contêm características que evidenciam essa conexão, como a ênfase na fantasia, o caráter narrativo e a musicalidade, entre outros. Nas quais o público infantil, ressaltamos que tais cordéis têm a presença marcante do humor, as imagens da natureza e do mundo fantástico, elementos que cativam e transformam a leitura em uma nova aventura a ser explorada por cada criança, levando-as ao encantador universo de surpresas e travessuras proporcionado pela leitura de cordel.

De acordo Diégues Júnior (1986), a Literatura de Cordel apresenta uma ampla gama de assuntos relacionados ao reino animal, uma vez que vários autores de cordel se comprometeram a criar, ao longo de suas carreiras, narrativas que abordam a temática dos animais, onde eles ocupam o papel principal.

Por isso, trabalhar com textos de cordel na sala de aula, focando na temática dos animais, pode ser uma excelente maneira de motivar as crianças a se tornarem leitoras. Isso acontece porque, nas histórias desse gênero, tanto as mais tradicionais quanto as contemporâneas, os protagonistas não são animais comuns; eles se comportam de maneira diferenciada em relação aos outros, pois espelham ações e aspectos da vida humana.

Após essa breve reflexão acerca das interfaces entre a Literatura de Cordel e o universo infantil, passa-se a examinar de que maneira esse gênero pode ser incorporado às práticas pedagógicas contemporâneas, considerando o potencial formativo destas narrativas poéticas.

3. Acomodando a bicharada: proposta para prática da leitura de cordel na escola

Com o intuito de propor práticas de leitura de cordel em sala de aula, objetivamos delimitar tais atividades para turmas do 5º ano do ensino fundamental. Os caminhos metodológicos estão postos por meio da mediação da leitura de cordel, com a prática da proferição realizada de modo coletivo entre o professor e os alunos. Com as etapas de leitura inspiradas em Solé (1998), antes, durante e depois da leitura.

Para Bajard (2014, p. 79), a proferição é a “atividade de comunicação instaurada a partir da tradução de um texto escrito em texto vocal”. Solé (1998), ao citar Palincsar e Brown (1984), afirma que as atividades de leitura compartilhada possibilitam formular previsões e perguntas ao texto, esclarecer possíveis dúvidas sobre a leitura e resumir as principais ideias do texto.

Nesse processo, destaca-se a figura do mediador de leitura que, conforme Munita (2024), se concretiza no papel do professor enquanto facilitador da leitura e agente de mediação cultural. Cabe a esse profissional criar condições didáticas e experiências significativas que promovam a aproximação dos alunos com o universo da escrita, sobretudo daqueles que possuem acesso restrito aos bens culturais vinculados à leitura.



Quando ao desenvolvimento, esta proposta se dará em seis etapas:

Etapa 1:

Esta etapa se constitui o *Antes* da leitura. É o momento em que o professor deve procurar convidar os alunos a ativar as informações que já estão no seu repertório e instigar a levantarem hipóteses. Aqui ele chamará atenção dos alunos para as informações contidas na capa do folheto *Festa da Bicharada*, destacando autor, ilustração e estrutura do suporte.

A fim de estimular a curiosidade e levantar o conhecimento prévio das crianças, o professor pode fazer algumas perguntas: *Quem já tinha visto um folheto de cordel deste? A ilustração da capa do folheto apresenta animais do nosso cotidiano? Qual será o tipo de festa que os bichos fazem? Em que ambiente deve acontecer essa festa? Alguém já fez leitura de cordel?*

Etapa 2:

Para realização desta etapa, anteriormente, o professor confeccionará as estrofes dos folhetos em cartas separadas. Essas cartas devem estar enumeradas no verso, de forma a numeração estar associada à posição da estrofe no texto. O número total de cartas precisa ser dividido pela quantidade de alunos, ou distribuído por duplas. O importante é que todo o texto do cordel seja distribuído completamente.

As cartas devem ser sorteadas entre os alunos ou duplas, que devem ser orientados a realizarem uma leitura prévia e individual das partes do texto dispostos nas cartas. As etapas 2 e 3 referem-se ao *Durante* a leitura, que é o momento do ato de ler propriamente dito, segundo a proposta metodológica de Solé (1998).

Etapa 3:

Em continuidade, os alunos podem ser organizados em círculos, de acordo com a ordem numérica das cartas, que apresenta a ordem da narrativa. O professor pode iniciar com a carta 1 e solicitar que o aluno que esteja com a carta 2 se coloque em pé e realize a leitura. Desta forma, todos os alunos participarão da leitura de uma estrofe e o texto completo será do conhecimento de todos, por meio de uma leitura compartilhada.

Outra possibilidade para esta etapa é a leitura realizada diretamente no folheto. Para isso, será necessário um folheto para cada aluno ou dupla. Neste caso, o professor realizaria o sorteio apenas dos números que apontam para a ordem das estrofes a serem lidas. O recurso do folheto facilitaria para que toda a turma acompanhar a leitura e ter acesso ao texto completo. Além de experimentar a leitura no próprio suporte do folheto.

Etapa 4:

Nesta etapa, será iniciado o momento *Após* a leitura. Nesta etapa, são pensadas atividades “dirigidas a recapitular o conteúdo, a resumi-lo e a ampliar o conhecimento que se obteve mediante a leitura” (SOLÉ, 1998, p. 74).

Esta etapa será realizada caso o professor tenha optado por distribuir cartas com as estrofes aos alunos. Assim, após a leitura compartilhada, os alunos podem colar as cartas, num papel madeira, na ordem correta e montar um mural expondo todo o texto do cordel. Ou podem criar um varal, colocando as estrofes seguras com pregadores em um barbante.



Caso a opção tenha sido a utilização do folheto completo. O professor deve ir direto para a próxima etapa.

Etapa 5:

Neste momento, por meio de cartões, o professor pode solicitar que os alunos reescrevam a estrofe pela qual ficarem responsáveis por ler. Permitindo ainda que essa releitura aconteça por meio de desenhos e ilustrações criadas pelos próprios alunos.

Caso os alunos tenham utilizado inicialmente as cartas com as estrofes, os cartões com as produções deste momento podem ser anexados às cartas no mural. Caso o uso inicial tenha sido do folheto, os postites poderão formar o varal de exposição do cordel.

Etapa 6:

Depois de realizada a leitura e a produção do material, o professor organiza uma roda de conversa a respeito do conteúdo do cordel e da experiência vivenciada em sala de aula. Alguns questionamentos podem nortear este momento, como por exemplo: *Quais partes do cordel achou mais engraçado? Se alguma parte da narrativa lembrou alguma situação ou outro texto conhecido? Qual seria a possibilidade de um novo desfecho?*, entre outros.

Considerações finais

No momento final deste estudo, convidamos os leitores à festa. Compreendemos que algumas porteiras ainda precisam ser abertas: assegurar a presença da literatura de cordel em sala de aula; refletir sobre as práticas de mediação de leitura para as crianças; aproximar a a leitura de cordel de nossos alunos; recorrer ao cordel contemporâneo, com suportes variados, mas já escrito com um olhar destinado ao público infantil. Todas essas questões são reflexões que precisamos aprofundar.

Deste modo, o cordel com sua elaborada combinação de rimas e versos, desponta na literatura atual como um símbolo de não somente estética, mas também de resistência cultural. Sua importância vai além da simples leitura; ele se configura como um meio poderoso de expressão para vozes que, frequentemente, ficam isoladas das grandes tradições literárias.

Na tentativa de conciliar a confusão, percebemos que, ainda que a literatura de cordel inicialmente não tenha sido escrita e direcionada ao público infantil, sempre apresentou conteúdos que envolvem e despertam o interesse das crianças. Agora ainda mais, com produções deste gênero em diversos suportes. Assim, ao empregar uma linguagem acessível, o cordel não apenas cativa leitores de diferentes épocas e origens, mas também proporciona um caminho para reflexões significativas sobre temas sociais e culturais, além de favorecer o processo formativo e o desenvolvimento da competência leitora dos alunos.

Depois de algumas porteiras abertas e a conciliação iniciada, é momento de acomodar a prática da leitura cordelística em nossas aulas de aula. De modo geral, os professores que atuam no ensino fundamental carecem de auxílio metodológico para trabalhar os textos literários. Com uma formação inicial, via de regra, cheia de lacunas, e inseridos no cenário escolar que impõe uma grade curricular extensa, ter acesso a propostas de atividades sistematizadas para as práticas de leitura de cordel pode servir como orientação ou ponto de partida para o desenvolvimento deste gênero em sala de



aula. Ademais, a sugestão apresentada anteriormente fundamenta-se na crença de que o cordel pode desempenhar um papel significativo na educação de leitores, devido a características específicas desse gênero, como o humor, a diversão, a métrica dos versos e o uso de uma linguagem acessível, tudo isso inserido no mundo animalístico. Esses elementos têm o potencial de cativar as crianças e atraí-las para o mundo da literatura.

Referências

ABREU, Márcia. “Então se forma a história bonita” – Relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. 4ª. ed. atual. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

ALVES, José Hélder Pinheiro. Cordel para crianças: aspectos metodológicos ou um sabiá na sala de aula. In: DEBUS, Eliane; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTI, Nelita (Org). **Poesia (cabe) na escola**: por uma educação poética. Campina Grande, Paraíba: EDUFPG, 2018.

ALVES, José Hélder Pinheiro. Cordel para crianças e a permanência da tradição oral. In: FERREIRA, Eliane Galvão Ribeiro; MARQUES, Francisco Cláudio Alves; BULHÕES, Ricardo Magalhães (Org). **Literatura de cordel contemporânea**: voz, memória e formação de leitor. Campina, São Paulo: Mercado das Letras, 2020.

ALVES, José Hélder Pinheiro. Tesouros da poesia popular para crianças e jovens. **Boitató**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 34–45, 2017. DOI: 10.5433/boitata.2008v3.e30897. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/30897>. Acesso em: 19 fev. 2025.

BAJARD, Ehe. **Ler e dizer compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo, Cortez, 1994.

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1986.

BRADESCO-GOUDEMAND, Yvone. **O Ciclo dos animais na literatura popular do Nordeste**. Tradução de Therezinha Pinto. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Ciclos temáticos na literatura de cordel (Tentativa de classificação e de interpretação dos temas usados pelos poetas populares). In:

Literatura

popular em verso. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 1-151.

FLACH, Franciele Marques; WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. A leitura no ensino fundamental: uma revisão de literatura. **Leitura: Teoria & Prática**, Porto Alegre, v. 15, n. 42, p. 133–154, 2025.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Cosacnaify: São Paulo, SP, 2011.



MARINHO, Ana Cristina e PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MUNITA, Felipe. **Eu, mediador(a)**: mediação e formação de leitores. São Paulo: Solisluna, 2004.

SOUZA, Renata J.; WANDERLEY, Naelza A. Do sertão nordestino para a sala de aula: histórias de animais contadas pelo cordel. **Mosaico**, v. 15, n. 23, p. 282-304, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/88804/83832>. Acesso em: 10 out. 2024.

SOUZA, Arlindo Pinto de. **Festa da Bicharada**. Literatura de Cordel. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, 1950, p. 3- 14.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Penso, 1998.

Wanderley, Naelza de Araújo. Um dragão, uma princesa, uma garça e o encanto dos romances de cordel duplamente “recontados”- A história de Juvenal e o dragão, A história da princesa do Reino da Pedra Fina e A história da garça encantada (2010) – Rosinha. In: ROCHA, Dheiky; MAGALHÃES, Maria do Socorro; AGUIAR, Vera (Org). **Leitura premiada para crianças e jovens**: da composição à sensibilidade, 2022.